

Do letramento digital aos multiletramentos: reflexões sobre a ampliação de um conceito

From digital literacy to multiliteracies: reflections on enlargement of a concept

*Daniela Perri Bandeira**

**Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Muriqui (UFVJM)*

**Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)*

Resumo: Este artigo apresenta uma reflexão sobre quinze anos de estudos (2001-2016) realizados por mim na área do letramento digital. A partir dos resultados de minhas pesquisas de mestrado e doutorado, busco discutir a ampliação do conceito de letramento digital para multiletramentos. Discuto as aproximações e distanciamentos entre esses conceitos a partir dos resultados alcançados à época e questiono o que hoje pode-se considerar um indivíduo multiletrado. Os principais autores que norteiam esse estudo são Bakhtin (1992), Eco (1986), Soares (2002) e Rojo (2012, 2013).

Palavras-chave: Letramento Digital. Novos Letramentos. Multiletramentos.

Abstract: This paper presents a reflection on fifteen years of studies (2001-2016) carried out by me in the field of digital literacy. From the results of my master and my doctoral researches, I intend to discuss the enlargement of the concept of digital literacy to multiliteracies. I discuss the approximations and distances between these concepts based on the researches's results and I question what can be considered a literate person nowadays. Bakhtin (1992), Eco (1986), Soares (2002) and Rojo (2012, 2013) are the main authors that guide this study.

Keywords: Digital literacy. New literacies. Multiliteracies.

Introdução

Há mais de uma década venho pesquisando o letramento digital, buscando compreender este fenômeno e suas especificidades em diferentes espaços escolares, observando novos comportamentos associados à leitura e à escrita na tela por estudantes. Nesse período, realizei pesquisas sobre o tema, que resultaram em uma dissertação de mestrado (BANDEIRA, 2003) e em uma tese de doutorado (BANDEIRA, 2009).

Ao iniciar minha trajetória docente no Curso de Letras da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), fiquei responsável por ministrar uma disciplina intitulada “Práticas de letramento na contemporaneidade”. Essa disciplina e um alunado multifacetado me remeteram a um conceito que vem sendo muito discutido atualmente: multiletramentos. Até então, não imaginava uma diversidade cultural tão significativa dentro de um mesmo espaço acadêmico. Diferentes perfis de alunos de diferentes cidades do norte de Minas Gerais, de comunidades rurais, de comunidades quilombolas, entre outros estados, compunham os espaços da universidade. Nas aulas sobre os textos indicados na disciplina¹, era possível perceber que esses alunos eram, em grande maioria, letrados digitais, mas desconheciam completamente as discussões sobre os conceitos. A partir daí, decidi fazer uma reflexão sobre minha trajetória de pesquisa na área dos letramentos.

Começo em 2001, ano em que realizei uma pesquisa em um colégio particular de classe média, situado na zona sul de Belo Horizonte. Pretendia, a partir de observações e entrevistas com adolescentes do final do ensino fundamental, captar alguns traços de letramento influenciados pelo uso da internet, não só nas produções digitais do adolescente, mas também em sua relação com o conhecimento.

Na pesquisa empreendida nesse curso de mestrado, percebi que o uso constante da internet possibilitava a constituição de um “leitor múltiplo”, caracterizado por desenvolver novas práticas de leitura e escrita na internet. Decidi chamar de “leitor múltiplo” o adolescente que, entre outras coisas, simultaneamente lia e escrevia na internet, considerando que, enquanto se faz uma leitura de hipertextos, tece-se também uma escritura virtual. Tal leitor apresentava características distintas do leitor tradicional, e foram essas características que me permitiram formular a hipótese de que o uso da internet e das tecnologias digitais levava à constituição de um novo letramento: o letramento digital. Para esses adolescentes, navegar não significava ler. Leitura era algo relacionado às atividades escolares, compromisso, obrigação. Navegar era uma prática divertida e curiosa. Eles navegavam

¹ Os textos discutidos com os alunos são de autores como Rojo (2013), Soares (2002) Levy (1999), Chartier (1998), Street (2010), e Coscarelli e Ribeiro (2005).

produzindo hipertextos, em busca de informações para pesquisas escolares, letras de músicas, charges, novos jogos e informações diversas. Navegar na internet era, portanto, uma nova prática de leitura que, para eles, não podia ser considerada inferior às outras práticas.

Em 2005, no início do curso de doutorado, meu objetivo foi investigar que relação mantêm, com o computador e a internet, indivíduos de meios populares ingressantes em instituição de ensino superior que pressupõe alunos já com letramento digital. O curso de Pedagogia noturno da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais foi o espaço escolhido para a seleção dos estudantes. Escolhido o local da pesquisa, foram realizadas três etapas logo no primeiro período do curso, (observação, questionário e entrevista) para se chegar aos sujeitos desejados: estudantes calouros das camadas populares “iletrados ou pouco letrados” em relação ao universo digital. É claro que não pude adotar uma visão simplista a respeito desses alunos calouros, pois são raros aqueles radicalmente alheios ao universo digital. No entanto, utilizar a internet como um novo suporte de leitura e escrita, dentro de uma perspectiva acadêmica, ainda constitui um obstáculo, tendo em vista os alunos calouros que não atingem essa condição de letrado digital na família ou em outros espaços de formação, por falta de acesso ou acesso precário.

Foi constatado que os sujeitos pesquisados mantinham relações de conflito com a faculdade diante do pressuposto de que todo aluno que passa no vestibular da UFMG já é considerado “dotado” de letramento digital suficiente para responder todas as demandas digitais necessárias de um curso superior. Foi possível perceber as complexidades particulares presentes na forma de tentar se “ajustar” às demandas de uma cultura digital local. Espera-se desses estudantes o que eles ainda não são, no caso, letrados digitais. Quem espera? Eis o ponto que mais surpreendeu durante esta pesquisa. A universidade espera letrados digitais, a própria Faculdade de Educação espera letrados digitais, os professores esperam letrados digitais, os colegas são letrados digitais. A obviedade com que o assunto é tratado na universidade é um aspecto de grande dimensão. É dessa forma que a instituição tem enxergado o aluno calouro: aquele que já sabe lidar com o computador/internet, ou seja, a universidade o vê como digitalmente letrado. Isso foi descoberto nos primeiros momentos de observação e se intensificou ao longo da pesquisa. No entanto, havia algumas alunas das camadas populares (duas professoras, uma doméstica e uma operadora de caixa de supermercado) que nada sabiam, ou sabiam muito pouco, sobre computador ou internet e tiveram que, bravamente, desenvolver estratégias para aprender a lidar com os novos recursos digitais no universo acadêmico.

A cultura digital atravessou a universidade apesar de tanta resistência docente e levou a cultura predominantemente gráfica para outro suporte de escrita. E da forma como entrou na universidade, vem atravessando também a sociedade e gerando demandas para os cidadãos, seja no trabalho ou nas atividades mais corriqueiras do dia a dia.

As duas pesquisas citadas acima apresentaram diferentes perfis de sujeitos, diferentes espaços escolares e foram realizadas em diferentes períodos da primeira década do século XXI. Mas por que dizer “diferentes períodos” em relação a uma diferença temporal tão pequena? É porque o que chamamos de *Web 2.0*² mudou e ampliou muita coisa em uma década. As transformações que a cada ano se mostram nos dão a sensação de estarmos sempre ultrapassados quando apresentamos os resultados das pesquisas realizadas.

Segundo Greco (2006), já se falava em *Web 3.0* quando nem bem sabíamos o que era a *Web 2.0*. O termo ficou conhecido por meio de um artigo publicado no *New York Times* por John Markoff que descreveu a *Web 3.0*³ como a *Web Semântica*, “uma época em que as máquinas começam a fazer coisas aparentemente inteligentes⁴” (p. 2).

Ampliar as concepções sobre temas relacionados à cultura digital e ao letramento relacionado às práticas de leitura e escrita próprias a esta cultura e conhecer, por meio da leitura ou releitura de vários autores, as diferentes teorias e prenúncios sobre o tema, é uma maneira de comparar meus diferentes olhares “no tempo” e dar continuidade às discussões sobre tais questões contemporâneas.

1 No início do século XXI: o letramento digital rumo aos novos letramentos

Como foi dito anteriormente, nesta segunda década do século XXI decidi rever os conceitos de letramento digital adotados nessas duas pesquisas do passado recente. Em 2001, pensava o letramento digital como o uso social da leitura e da escrita na tela; em 2009, essa forma de compreender o letramento já se amplia e ganha uma percepção mais refinada, pois

² *Web 2.0* é um termo criado em 2004 pela empresa estadunidense O'Reilly Media para descrever a segunda geração da *World Wide Web* – tendência que reforça o conceito de troca de informações e colaboração dos internautas com sites e serviços virtuais. A ideia é que o ambiente on-line se torne mais dinâmico e que os usuários colaborem para a organização de conteúdo.

³ A *Web 3.0* propõe-se a ser, a terceira geração da Internet. A primeira, *Web 1.0*, foi a implantação e popularização da rede em si; a *Web 2.0* é a que o mundo vive hoje, centrada nos mecanismos de busca como *Google* e nos sites de colaboração do internauta, como *Wikipedia*, *YouTube* e os sites de relacionamento social, como o *Facebook*. A *Web 3.0* pretende ser a organização e o uso de maneira mais inteligente de todo o conhecimento já disponível na Internet.

⁴ MARKOFF, John. Entrepreneurs See a Web Guided by Common Sense. *New York Times*, 12 nov. 2006.

Disponível em:

<http://www.nytimes.com/2006/11/12/business/12web.html?pagewanted=1&_r=1&sq=web%203.0%20John%20Mark%20off&st=cse&scp=1>. Acesso em: 20 fev. 2017.

considero as demandas de um contexto específico para o desenvolvimento do letramento digital, no caso, o universo acadêmico. Foram discutidos os termos “letramento”, “letramentos” e, hoje, atingimos os “multiletramentos”. De que modo as percepções levantadas nessas pesquisas poderiam ser consideradas a partir da ampliação do conceito de “letramento” para “multiletramentos”? Como os sujeitos investigados nas duas pesquisas mencionadas – adolescentes de classe média e universitários das camadas populares – seriam “caracterizados” nessa perspectiva mais ampla dos multiletramentos? Quais aspectos dessas pesquisas poderiam ser retomados ou reconfigurados a partir dos multiletramentos e enriquecer as discussões e experiências com meus atuais alunos da UFVJM?

Para discutir essas questões, buscamos nos estudos de Roxane Rojo (2013) a definição que a autora constrói para o termo “multiletramentos”. Na voz de Rojo:

O conceito de *multiletramentos*, articulado pelo Grupo de Nova Londres⁵, busca justamente apontar, já de saída, por meio do prefixo “multi”, para dois tipos de “múltiplos” que as práticas de letramento contemporâneas envolvem: por um lado, a *multiplicidade de linguagens*, semioses e mídias envolvidas na criação de significação para os textos multimodais contemporâneos e, por outro, a *pluralidade* e a *diversidade cultural* trazidas pelos autores/leitores contemporâneos a essa criação de significado. (ROJO, 2013, p. 14)

Na primeira pesquisa, no ano de 2001, em que foram analisadas as práticas de leitura e escrita na tela realizadas por adolescentes de classe média, percebo algumas aproximações e distanciamentos ao relacionar o conceito de “letramento digital” com o conceito de “multiletramentos”. As aproximações referem-se ao que considerarei como a nova dimensão do letramento sustentada pela virtualidade, isto é, a partir da interação com textos multimodais, mediada pela internet, concluí que vinha se constituindo uma “outra linguagem”⁶ ancorada nos conceitos de dialogismo e polifonia de Bakhtin, e um “leitor

⁵ Nas palavras de Bevilaqua (2013, p. 3), “A denominação **Novos Estudos do Letramento** foi cunhada por Gee (1991 *apud* STREET, 2003) quando da observação que emergia, no final dos anos 1970 e início dos anos 1980, na América do Sul (Brasil), América no Norte (Estados Unidos) e Europa (Reino Unido), estudos que focavam muito mais o **lado social do letramento** do que seu lado cognitivo (STREET, 2003, p. 77). Logo, o atributo ‘novo’ está relacionado à ‘virada social’” (grifos do autor).

⁶ O termo “outra linguagem” foi cunhado entre aspas a partir de uma discussão teórica com a orientadora da pesquisa, Profa. Dra. Aparecida Paiva (UFMG), para se destacar, de modo a evitar que o pronome indefinido outra desmerecesse a real importância da linguagem no contexto virtual. Pensamos em utilizar “nova linguagem”, no entanto, não tínhamos informações suficientes para dizer se realmente era tão nova assim. Nos

múltiplo”, potencialmente emissor e receptor, inspirado no leitor-modelo de Umberto Eco. São nesses pontos – “outra linguagem” e “leitor múltiplo” – que este estudo passado parece ganhar um novo fôlego. No entanto, como distanciamento, ficou a desejar a consideração pelo lado social do letramento, isto é, a pluralidade ou diversidade social mencionada por Rojo (2013), que atravessa a rede por meio da crescente interatividade.

Em 2001, busquei caracterizar o “leitor múltiplo”, desvendá-lo, e sugeri que a sua constituição ou seu nascimento parecia ser a confirmação do processo de letramento mediado pela internet. Possuidor das novas práticas de leitura e escrita na tela do computador, este se distinguia dos leitores de impressos e vinha sendo “soterrado” por uma enorme corrente de informações e possibilidades. Naquele momento, ainda não estava claro quantas e quais habilidades o “leitor múltiplo” poderia desenvolver, logo considerei suas atitudes frente ao texto multimodal. Embora à época eu não utilizasse esse termo, as características que mencionei (mescla de escrita, sons, imagens, movimentos simultâneos) referiam-se à multimodalidade.

Devido à “desenfreada” interatividade que presenciamos atualmente, surge a necessidade de ampliar o conceito de letramento digital desse leitor-múltiplo e pensá-lo como um sujeito cooperativo e produtor de informações, textos, vídeos, etc., num universo virtual, plural e diversificado socialmente que influenciará de modo significativo sua forma de pensar e agir na sociedade em que vive. É preciso pensar em multiletramentos, que, segundo Rojo e Moura (2012, p. 13), [...] apontam para esses dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade [...] multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio digital.

Reforçando tais argumentos, Rojo (2013, p. 8) afirma que hoje é necessário falar “em mover o letramento para os multiletramentos. Em deixar de lado o olhar inocente e enxergar o aluno em sala de aula como o nativo digital que é: um construtor-colaborador das criações conjugadas na era das linguagens líquidas”. Para esclarecer este termo, Santaella (2007) ressalta:

[...] linguagens tidas como espaciais – imagens, diagramas, fotos – fluidificam-se nas enxurradas e circunvoluções dos fluxos [...] Textos, imagem e som já não são o que costumavam ser. Deslizam uns para os outros, sobrepõem-se, complementam-se, confraternizam-se, unem-se, separam-se e entrecruzam-se. Tornaram-se leves, perambulantes. Perderam a estabilidade que a força de gravidade dos suportes fixos lhes

anos seguintes, as discussões realizadas por Coscarelli e Ribeiro (2007) sobre o conceito de letramento digital atestaram nossa cautela à época.

emprestavam. Viraram aparições, presenças fugidias que emergem e desaparecem ao toque delicado da pontinha do dedo em minúsculas teclas. Voam pelos ares a velocidades que competem com a luz (SANTAELLA, 2007, p. 24).

À época, apesar de mencionar as características da multimodalidade, foi baseada nos estudos de Marcuschi sobre o hipertexto que pensei a “outra linguagem” como aquela relacionada à tela do computador, isto é, um novo suporte que mudava as práticas de leitura e escrita, mas não mudava a noção de textualidade. “A inovação trazida pelo hipertexto não estava no uso específico da língua enquanto atividade sociocognitiva, mas na sua apresentação virtual [...]” (MARCUSCHI, 1999, p. 33). A partir da troca de e-mails com os sujeitos pesquisados, pude enumerar algumas características que hoje são muito mais “intensas” a partir das possibilidades que a interatividade apresenta, como aponta Santaella (2007) em citação anterior. A noção de “outra linguagem” priorizava a mistura de palavras e símbolos (emoticons); a informalidade; a impaciência claramente expressa através do uso de abreviaturas (VC, TB, TD); a economia de tempo e espaço em prol de uma comunicação mais veloz. Enfatizei a “outra linguagem” como a expressão da oralidade do internauta.

Hoje, Rojo (2013) alerta para a noção de autoria que permeia o universo dos jovens, ressaltando o empoderamento que essa possibilita:

Esses jovens, a partir das suas próprias necessidades e objetivos, desenvolveram novas maneiras de criar, distribuir e negociar significados (LANKSHEAR, 2007; LANKSHEAR; KNOBEL, 2010), nas quais se confundem os papéis de leitor, espectador e, de maneira híbrida, constroem produções [...] resultado de ressignificação e reenquadramento de referências e objetos culturais diversos em gêneros multissemióticos. (ROJO, 2013, p. 8).

Sabemos que a teoria bakhtiniana trouxe significativa contribuição ao estudo do texto e do discurso. O ponto principal da concepção de linguagem em Bakhtin é a interação verbal constituída pelo seu caráter dialógico e polifônico. Essas relações dialógicas são relações de sentido produzidas por enunciações de um diálogo, quer seja entre pessoas, textos ou discursos nem sempre harmoniosos. A polifonia enfatiza a tensão de uma pluralidade de vozes que participam do diálogo. Esses dois aspectos – dialogismo e polifonia – foram fundamentais para se pensar nessa “outra linguagem” em que o texto não pode ser pensado apenas do ponto de vista linguístico, isto é, ele é um conjunto de muitas vozes, de muitos textos. Rojo (2013), baseada nos estudos de Kalantzis e Cope (1999), ao discorrer sobre o

termo multiletramentos, ressalta que a voz de Bakhtin se faz ouvir nas navegações que os jovens coletivamente produzem e nos conflitos que a diversidade cultural global provoca. Para Rojo,

[...] o “choque de ‘mundos-da-vida’ divergentes” [...] No campo específico dos multiletramentos [...] implica negociar uma crescente variedade de linguagens e discursos: interagir com outras línguas e linguagens, interpretando ou traduzindo, usando interlínguas específicas de certos contextos, usando inglês como língua franca; criando sentido na multidão de dialetos, acentos, discursos, estilos e registros presentes na vida cotidiana, no mais pleno plurilinguismo bakhtiniano (ROJO, 2013, p. 17).

Em se tratando do que chamei de leitor-múltiplo, leitor ativo e cooperativo, termos propostos à época para caracterizar o adolescente que “se perdia” nos oceanos de informação, parti das reflexões de Eco (1986) para o que o autor considera como “leitor-modelo”:

O leitor-modelo de uma história não é o leitor empírico. O leitor empírico é você, eu, todos nós, quando lemos um texto. Os leitores empíricos podem ler de várias formas, e não existe lei que determine como devem ler, porque em geral utilizam o texto como um receptáculo de suas próprias paixões, as quais podem ser exteriores ao texto ou provocadas pelo próprio texto [...] Leitor-modelo [...] é uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar [...] é alguém que está ansioso para jogar [...] (ECO, 1986, p. 14-15).

Eco (1986, p. 45) esclarece que termos como leitor-modelo “devem ser entendidos como tipos de estratégia textual. Um conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas”. Os hipertextos preveem uma espécie de leitor-modelo que se apossa das estratégias ali expostas e coopere textualmente de modo a construir infinitos textos.

Desse modo, os adolescentes internautas produziam suas escrituras a cada navegar. De um *site* a outro, vários *links* são solicitados e, mesmo que não haja nenhuma ligação de sentido entre eles, esses adolescentes tecem seus hipertextos dando-lhes o sentido necessário naquele momento: esse é o papel do leitor-múltiplo. Tais ações com certeza contribuiriam

para o desenvolvimento de seu processo de letramento digital. A valorização da experiência prévia e individual de cada adolescente, a construção de uma autonomia de aprendizagem, a interação com o pluralismo de ideias dispostas na rede, o partilhamento dos conhecimentos, a postura simultaneamente ativa e cooperativa diante do conhecimento foram ações consideradas à época como promissoras de letramento digital. Hoje, frente a realidades contemporâneas (a evolução dos aparatos digitais; a interatividade crescente na rede; a diversidade cultural) falamos em multiletramentos. Em síntese, Rojo e Moura (2012, p. 13) descrevem o conceito do seguinte modo:

[...] o conceito de multiletramentos [...] aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica.

2 O letramento digital em contextos específicos e as aproximações com os multiletramentos

Em 2005, as investigações, observações e entrevistas realizadas para a pesquisa de doutorado apresentaram novos rumos para se pensar o letramento digital. O perfil dos sujeitos (mulheres das camadas populares acima de 30 anos), suas necessidades e estratégias para “sobreviver” ao universo acadêmico digital levaram-me a considerar questões como “que letramento digital é esse de um contexto específico?”; “o que esse contexto exige desses sujeitos para o desempenho satisfatório das demandas acadêmicas?”

O conceito de letramento digital considerado em 2001 não era mais suficiente para caracterizar, tratar desses sujeitos da pesquisa de doutorado. Foi preciso cautela para me aproximar de formas de tratamento do conceito que não o exaltasse sobremaneira e que nem o subestimasse como algo comum, corriqueiro. Busquei em Soares (2002) uma definição:

Pode-se concluir que a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela (SOARES, 2002, p. 152).

“Novas formas de acesso à informação, novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever” são as características que Soares (2002) aponta acerca do “novo letramento”. Já Coscarelli e Ribeiro (2005, p. 8) ressaltam que “Letramento digital é o nome que damos, então, à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever)”.

É preciso sempre lembrar que o letramento digital tem base na escrita e que o adjetivo “novo” se refere a uma relação com a escrita em diferente suporte, no caso, a tela. Assim, Coscarelli defende que ler hipertextos não é tão diferente de ler textos impressos e que não há habilidades de leitura que são específicas do ambiente impresso ou digital:

Muita coisa muda com a informática, muita informação está disponível na Internet, novos gêneros textuais são criados, novas formas de ler e de escrever são desenvolvidas. Para serem leitores, independente do suporte do portador de texto ou de o texto estar impresso ou projetado na tela, há habilidades de leitura que são essenciais para a compreensão do texto e que os leitores precisam desenvolver. Essas habilidades podem variar de acordo com os gêneros, **mas não há habilidades de leitura que sejam específicas do ambiente impresso ou do ambiente digital**. Há sim diferenças na navegação dos textos, em como e onde o leitor vai encontrar as informações que procura (biblioteca, índices x mecanismos de busca), mas, uma vez encontradas, a compreensão do texto não depende tanto de o texto ser impresso ou digital, mas das habilidades de leitura que o leitor já desenvolveu (COSCARELLI; SANTOS, 2007 *apud* COSCARELLI, 2007, p. 47-48) (grifo nosso).

Porém, Soares (2002), baseada nos estudos de Lévy (1999), esclarece que o suporte textual é que faz toda a diferença, ele é que faz surgir o que achamos que é novo. O hipertexto é muitas vezes considerado como marca característica da cultura digital, mas Coscarelli (2007) aponta que todo texto é um hipertexto. Isto não era percebido antes porque a grande maioria dos leitores não tem uma perspectiva hipertextual. Por outro lado, não se pode desconsiderar as diferenças entre os blocos (impresso X digital) quando se fala em hipertexto hoje. Ribeiro (2008) (*apud* AMARAL; VILELA, 2008, p. 91), aponta que os “textos ‘bloqueados’, planejados de maneira que cada fragmento seja ligado por articuladores chamados *links*, são potencializados na internet, mas já existiam em suportes impressos que não permitiam a navegação como ela se dá no ambiente digital”. Amaral e Vilela (2008) concluem que “para a autora, apesar de o princípio de ação já existir, é a natureza do suporte que permite novos gestos e novas velocidades ao leitor” (2008, p. 91).

Além das discussões linguísticas, hoje não podemos deixar de lado o contexto sociocultural, histórico, político e a diversidade que envolve o processo de letramento digital. Logo, a pesquisa de doutorado apresentou algumas aproximações do conceito de multiletramentos, pois procurei me debruçar sobre um contexto e espaço específicos e precisei considerar o conceito de letramento digital como prática social construída a partir de uma multiplicidade de experiências dos sujeitos que contracenaram com um cenário de demandas virtuais também específicas da Faculdade de Educação da UFMG.

Considerações finais

A revisão da minha trajetória de pesquisa é como um “processo autofágico”, isto é, “criar e engolir a criação”; revê-la com outro olhar dentro de um período historicamente curto, mas repleto de fatos relacionados às novas tecnologias que não podíamos imaginar há 15 anos. É sempre espantoso pesquisar uma área do conhecimento que nos “escorre pelos dedos”. O que falamos há pouco tempo pode não ter o mesmo significado neste instante.

Meu atual espaço de trabalho e os estudos sobre os multiletramentos provocaram a necessidade dessa revisão de minhas trajetórias de pesquisa e ainda deixam muitas dúvidas nos âmbitos das práticas de leitura e escrita na tela e no âmbito conceitual. O que são os multiletramentos dentro das minhas abordagens? Como se aplica tal conceito aos atos, estratégias de sujeitos em busca de “um básico” letramento digital? A quem caberá ser intitulado “multiletrado”? Serão apenas os jovens que se envolvem sobremaneira com as novas tecnologias? Será possível considerar contextos específicos para multiletramentos como o fiz com o letramento digital? Rojo (2013, p. 7) afirma que “[...] mudanças nos letramentos digitais, ou novos letramentos, não são simplesmente consequência de avanços tecnológicos. Elas estão relacionadas a uma nova mentalidade que pode ou não ser exercida por meio das novas tecnologias digitais”.

Ainda não há respostas sólidas para tais questões, principalmente ao considerar o alunado da UFVJM. Muitas questões que antes imaginei respondidas retornam com outros contornos ao me deparar com significativas defasagens escolares de leitura e escrita de um público de alunos egresso das escolas públicas da região; ao presenciar e vivenciar os poucos recursos tecnológicos para criar aulas mais dinâmicas, multimodais; ou ao perceber certa apatia dos alunos pelas programações culturais locais, que culmina em falta de informação sobre o que acontece em sua região. Nesse contexto, como pensar em multiletramentos? Seria o uso das redes sociais apenas para saber sobre as aulas ou atividades perdidas na universidade, para postar fotos de fins de semana, festas etc.? O que o incômodo silêncio dos alunos nas discussões em sala de aula significa? Serão as consequências das sedimentadas

práticas de letramentos escolares citadas por Kalantzis e Cope (2006 *apud* ROJO 2013, p. 16)? “[...] um mundo onde a transformação ocorre de maneira menos criativa e autoconsciente [...] carregado de tradição cultural e linguística, mas servindo a fins imediatos e práticos”?

Referências

AMARAL, Alisson Nogueira; VILLELA, Ana Maria Nápoles. Procedimentos de linkagem em hipertextos técnico-científicos. *Língua Escrita*, Belo Horizonte, n. 4, p. 88-104, jan./abr. 2008.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BANDEIRA, Daniela Perri. *A influência da internet no processo de letramento de adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

BANDEIRA, Daniela Perri. *Trajetórias de estudantes universitários de meios Populares em busca de letramento digital*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

BEVILAQUA, Raquel. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 05, n. 01, jan./jul., 2013.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Conversações com Jean Lebrun. 1. reimp. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Editora UNESP, 1998.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa. Apresentação. *Língua Escrita*, Belo Horizonte, n.2, p. 7-8, dez. 2007. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/nomade/midia/docs/168/phpEJkzP.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. (Coleção Linguagem e Educação). Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. São

Paulo: Perspectiva, 1986.

GRECO, Alessandro. A web 3.0 - *REVISTA.br* – CGI. Ano 02, 2010. Disponível em: <<http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao02/index.htm>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

KALANTZIS, M.; COPE, B. Multicultural Education: transforming the mainstream. In: May, S. (org.). *Critical Multiculturalism*. Londres: Falmer Press, 1999, p. 245-276.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. *Línguas e instrumentos linguísticos – história das ideias linguísticas*. Recife, n. 3, p. 21-45, 1999.

ROJO, Roxane (Org.). *Escol@ Conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo de (Org.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade: Revista de Ciência e Educação*, Campinas, v. 23, p. 143-160, dez. 2002.

STREET, Brian. Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas. In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei T. (Org.). *Cultura escrita e letramento*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 33-53.

DANIELA PERRI BANDEIRA

Doutora em Educação (UFMG), foi professora do Curso de Letras da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Atualmente é professora na Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais - Campus BH (FaE/CBH/UEMG). Participante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação e Linguagem - NEPEL/UEMG. CV: <http://lattes.cnpq.br/0732964766122807>. E-mail: perribandeira.daniela@gmail.com.